



BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

Anderson Barbosa Camilo (UFOP)

*A parte maldita* de Georges Bataille, recém-publicado pela editora Autêntica, se inscreve na abordagem sobre o princípio da perda, do *dispêndio*, do consumo improdutivo, inserido na tensão com a lógica da acumulação e da utilidade do mundo prático. Ele ocupa um lugar privilegiado na obra de Georges Bataille por concentrar, em um único volume, o desdobramento de muitos conceitos principais no pensamento do autor, a saber, os conceitos de *dispêndio*, *excesso*, *sacrifício*, *luxo*, *sagrado*, entre outros. Segundo o próprio autor, foi um trabalho que exigiu dezoito anos de pesquisa e reflexão (p. 39), sendo elaborado na efervescência do entre guerras e da segunda grande guerra mundial, tendo como data de publicação o ano de 1949.

*A parte Maldita* é dividida em cinco partes e, para Bataille, se constitui como um ensaio de *economia geral*, ou seja, uma tentativa de representar o mundo em seu conjunto, em termos *gerais*, distanciando-se da explicitação da *economia isolada* que visa a proeminência da produção, do lucro e da acumulação. O que o autor põe em jogo é um modo de representação do mundo articulado em torno do problema do destino da energia que circula na superfície terrestre, que para Georges Bataille é o modo *dispêndioso*, de modo que o autor passa para uma análise econômica de como a humanidade lida, e lidou, com as riquezas segundo a faceta do *dispêndio*.

Nessa perspectiva, vemos que na primeira parte de *A parte maldita*, dedicada ao desenvolvimento do conceito de *dispêndio*, o movimento da energia do globo desemboca numa realização inútil, apesar das atividades eficientes da humanidade em prol da resolução das dificuldades materiais imediatas. A eficiência das obras humanas é ultrapassada por uma inutilidade que advém do movimento dispendioso da energia terrestre, pois a terra recebe mais energia do que precisa, “o sol dá sem nunca receber” (p.50), “a energia está sempre em excesso” (p. 46), os organismos utilizam uma energia excedente para crescer (p. 49), e esse excedente que transborda a eficiência da utilização, para crescimento ou produção, precisa ser despendido, “é preciso necessariamente perdê-lo sem lucro, despendê-lo, de boa vontade ou não, gloriosamente ou de modo catastrófico” (p. 45). Para o autor, o modo mais catastrófico de dilapidar a energia e os recursos excedentes estaria expresso na empresa da guerra (p. 46-47).

Segundo Georges Bataille, encarar o mundo dessa forma é encará-lo em seu conjunto, vê-lo como princípio e como última etapa do movimento da energia que nos circunda, vê-lo enquanto gasto transbordante. Bataille afirma que “a história da vida sobre a terra é principalmente o efeito de uma louca exuberância: o acontecimento dominante é o desenvolvimento do luxo, a produção de formas de vida cada vez mais onerosas” (p. 53).

Há três coisas que se passam na vida dos seres mais onerosos, os seres humanos e os animais, que expressam o dispêndio que circula na superfície da terra: a manducação, a morte e a reprodução sexuada (p. 53-54). A manducação dos seres por outros seres, o ato de comer, implica no gasto da vida, na consumação e na mostra da efervescência do que é vivo e animado, e nos lembrando de Blake, Bataille afirma que um exemplo disso é o tigre. “Na efervescência da vida o tigre é um ponto de extrema incandescência” (p. 54).

Em todo o caso, “a manducação traz a morte” (p. 54). A morte é a forma mais aguda do *dispêndio* (p. 54). A morte como etapa final, ou de transição, que expressa o ápice daquilo que se gasta, uma vez que “a morte reparte no tempo a passagem das gerações” (p. 54). A reprodução sexuada também é considerada um grande gasto, pois ela é “um dos grandes desvios luxuosos que asseguram a consumação intensa da energia” (p. 54). Nos animais

ela é “ocasião de uma súbita e frenética dilapidação dos recursos de energia” (p. 55). Nos seres humanos, a sexualidade, livre da finalidade de reprodução, ou não, “faz-se acompanhar [...] de todas as formas possíveis de ruínas, faz apelo à hecatombe dos bens – em espírito, à dos corpos – e [...] reúne o luxo e o excesso despropositados da morte” (p. 55).

Mas, como afirmamos anteriormente, isso é encarar o mundo sob o seu conjunto, vendo-o como excesso que se agita violentamente num movimento dilapidatório. Segundo Bataille, esse modo de perceber a realidade é recusado pelo ponto de vista particular, que se relaciona com as riquezas e a energia segundo uma lógica da utilidade, do acréscimo, não da perda que de nada faz uso, do gasto pelo gasto. Em suma, do ponto de vista *geral* se coloca o problema do *excesso* (p. 58), segundo o qual o fim último é o dispêndio desse excesso, enquanto que do ponto de vista *particular*, o problema é colocado em termos de *falta* de recursos (p. 58), e de preocupação pelo acúmulo e o crescimento para responder a essa falta. Portanto, a preocupação do ponto de vista *particular* coloca-se na recusa do movimento dispendioso da vida, não leva em conta o ponto de vista *geral*: “o que a *economia geral* define, antes de tudo, é um caráter explosivo do mundo” (p. 59).

Para Bataille, a humanidade quis ignorar, sob a lógica do lucro e da produção, o movimento transbordante e dispendioso que anima as formas de existência no globo terrestre. Foi um ato que se intensificou ao longo da História, na medida em que a humanidade desenvolvia diferentes meios para utilizar a energia e as matérias presentes para melhorar sua sorte na terra (p. 45-46). No entanto, para o autor, o homem ao ignorar a turbulência do mundo, de forma nenhuma afeta a realização final do movimento dispendioso (p. 45-46). Bataille assume a importância da utilização da energia e das riquezas em atividades produtivas, mas afirma que o homem não é somente aquele ser necessitado que busca, por exemplo, nas comunidades arcaicas, a aquisição para sanar suas dificuldades materiais em meio à natureza, ou aquele da era capitalista, para o qual o lucro e a produção tornam-se os ideais de toda e qualquer atividade. O que percebemos em *A parte maldita*, segundo o autor, é que a turbulência do movimento dispendioso também faz parte do homem: “O movimento geral de exsudação (de dilapidação) da matéria viva o anima, e ele não poderia interrompê-lo; até mesmo,

no ponto mais elevado, sua soberania no mundo vivo o identifica a esse movimento; ela o consagra, de modo privilegiado, à operação gloriosa, ao consumo inútil” (p. 46).

Portanto, o que Georges Bataille traz na primeira parte do livro são tais reflexões, sobre os modos em que a humanidade lida com as riquezas. Por um lado, seguindo um modo que obedece à lógica da produção ocasionada, pelo menos nos estágios iniciais da humanidade enquanto civilização, à *necessidade*; e, por outro lado, seguindo um modo que obedece ao próprio movimento dilapidatório que circula na superfície do globo. Se o modo de se relacionar com as riquezas for somente pela via do lucro, da aquisição e da utilidade, ignorando o consumo não ligado à produção, haverá o excedente de qualquer forma, e nada afetará no movimento dispendioso, que é inegável e incontornável: “O sentimento de uma *maldição* está ligado a essa dupla alteração do movimento que a consumação das riquezas exige de nós [...] No momento em que o *acréscimo* das riquezas é maior do que nunca, ele acaba de adquirir a nossos olhos o sentido de *parte maldita* que, de qualquer forma, sempre teve” (p. 57).

Com relação às outras seções de *A parte maldita*, podemos afirmar que Georges Bataille faz uma análise das relações das sociedades humanas no que concerne às riquezas, desde as sociedades arcaicas até as sociedades envolvidas no entrave ideológico entre comunismo e capitalismo no pós-guerra. Nessa medida, Bataille afirma que o modo em que as sociedades lidam com os excedentes de suas riquezas é o que lhes caracteriza (p. 106-107). No âmbito econômico, o excesso não necessariamente é despendido por uma sociedade: “Se há excesso de recursos em relação às necessidades [...], esse excesso nem sempre é consumido inutilmente. A sociedade pode crescer, sendo então o excedente deliberadamente reservado para o crescimento” (p. 63). Se a sociedade dilapida seu excesso, ela é de *consumação*, se a sociedade volta seu excesso para algo que tem uma utilidade, ela é de *empreendimento* (p. 63).

Nesse sentido, na segunda parte do livro, Bataille aplica à sociedade asteca suas asserções teóricas sobre o dispêndio e o modo de lidar com as riquezas e os excedentes, tomando-a como exemplo de uma sociedade de consumação. Sua cultura está nos antípodas da nossa cultura ocidental capitalista, sua preocupação em consumir

não é menor do que a nossa em adquirir (p. 64). O autor analisa várias facetas da consumação na sociedade asteca, como o sacrifício humano e animal, as oferendas, as guerras e a violência ligada à destruição (p. 64-74).

Ainda na segunda parte de *A parte maldita*, Bataille aborda outra sociedade como um tipo de sociedade de consumação: os antigos índios do noroeste norte-americano. Nessa análise, o autor toma como principal elemento de prodigalidade dessa sociedade o fenômeno do *potlatch* (p. 79-85). Bataille retoma aqui o estudo de Marcel Mauss intitulado *Ensaio sobre o dom – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, acerca do *potlatch*, da troca de dádivas que envolvia membros de uma mesma tribo, ou que também poderia envolver chefes de tribos rivais. Conforme Georges Bataille, de modo geral, o fenômeno do *potlatch* se caracteriza como um desafio em que uma tribo desafia outra numa troca de dádivas, que se constitui numa perda suntuária de riquezas por parte daqueles envolvidos no desafio. O fenômeno do *potlatch* ocorria analogamente com os ritos de passagem. Nele há um doador que *doa*, sem reservas, uma parte considerável de suas riquezas para um donatário, com a finalidade de promover a humilhação, e nessa medida instaurar um desafio, obrigando o donatário, que recebeu a dádiva do doador, a retribuir com uma maior quantia o gesto da dádiva. A ostentação advém sob a forma da dilapidação, do gasto sem regateio (p.78). O poderio está ligado à vontade de perder (p. 81). Para Bataille, o *potlatch* é a expressão do movimento dispendioso inserido na vida dos homens, a glória que não está no domínio dos bens adquiridos e de sua crescente acumulação, mas do frenesi que põe em jogo uma dilapidação de riquezas e de energia sem fronteiras que escapa ao cálculo (p. 81).

Na terceira parte do livro, Bataille dá ênfase às sociedades de empreendimento, tomando como exemplo a sociedade islâmica e a tibetana. A primeira como o tipo de sociedade de empreendimento militar, e a segunda como o tipo de sociedade de empreendimento religioso (p. 89-109). Trata-se aqui de evidenciar uma divergência entre os tipos de “empreendimento” que o autor aborda. Na sociedade de empreendimento militar, o que vemos como predomínio das atividades é a aquisição, o seu crescimento enquanto sociedade armada sob um ideal de conquista, tal como o Islã (p. 93-94). Na sociedade de empreendimento religioso, trata-se

do contrário do que ocorre na sociedade de empreendimento militar: é desarmada e voltada para o sagrado e para a contemplação, tal como o antigo Tibet, que recusava a possibilidade do assassinato, rechaçava o crescimento militar e o desenvolvimento técnico (p. 107-108). Para Bataille, seguindo suas asserções acerca do dispêndio, esses dois tipos de sociedade são expressões de como a sociedade humana pode lidar com seus excedentes (p. 106-107).

Vemos, na quarta parte de *A parte maldita*, uma análise da gênese do capitalismo enquanto recusa do dispêndio que retira os recursos da ordem da utilidade. Nesse momento do livro, Bataille privilegia o tema do afastamento do homem do movimento dispendioso que faz parte do seu ser, nesse sentido um afastamento de si, e entra no âmbito da razão instrumental e da coisificação do mundo. Para o autor, dialogando com a obra de Weber, o primeiro passo em direção a isso é a reforma protestante (p. 113), que trará como consequência a autonomia do mundo da produção (p. 120). Bataille passa a abordar o nascimento da burguesia e de como o mundo burguês (mundo capitalista, para o autor) recusa a predisposição ao dispêndio na medida em que se entrega às obras, às coisas a serem produzidas (p. 128-129), em que a relação dos homens com as riquezas não é mais ostentatória, mas aquisicional, excluindo a possibilidade de dilapidação (p. 129-130). Para o autor, isso está ligado às exigências das dificuldades materiais, que de toda maneira afasta o homem de sua intimidade (p. 124). A intimidade é perdida no mundo da *ação*, do agir para sanar as necessidades materiais, ou para produzir e obter um acréscimo das riquezas (p. 124-125). No final da quarta parte de *A parte maldita*, Bataille inicia uma crítica ao comunismo, pelo fato deste movimento político dar primazia à *coisa* (p. 131), na medida em que “sua atenção está naturalmente limitada ao que está aí” (p. 131). Trata-se, para Bataille, de “uma política rigorosamente realista, uma política brutal, reduzindo suas razões à estreita realidade” (p. 131).

Na quinta e última parte do livro, vemos Bataille continuar com a crítica ao comunismo e sua negação do consumo sem contrapartida. Mas, na realidade, o que Bataille pensa ao criticar o comunismo é o exemplo do comunismo russo no desenvolvimento industrial. Bataille aborda o desenvolvimento industrial, que também está inserido na sociedade capitalista, pelo viés do trabalho acumulativo com o olhar da *economia geral*, percebendo que os

homens imersos nesse desenvolvimento se resignam a gastos improdutivos (p. 139).

O autor continua em sua linha de análise interpretativa pelo modo de uso das riquezas ao abordar o comunismo russo, assim como a revolução russa. Ele os observa sob a perspectiva de mudança da economia, de uma economia dispendiosa anterior, a dos czares, para uma economia de crescimento industrial, em que os operários abraçaram a miséria do país, ou foram obrigados à isso, em prol do crescimento produtivo. E, nessa medida, conforme Bataille, se estabeleceu uma negação do uso inútil e luxuoso dos bens, sendo usadas as forças operárias e as riquezas para o desenvolvimento técnico e industrial da nação (p. 140-144). No entanto, Bataille mantém um distanciamento crítico e não se deixa levar pela inércia da crítica ao antigo regime russo, tentando pesar os prós e os contras, afirmando que a Rússia, para se igualar a outras potências, clamava por algo extremo em nível de crescimento, numa melhoria para o futuro (p. 147).

O último dado histórico analisado por Bataille em *A parte maldita* é o *Plano Marshall*. O autor vê nessa iniciativa dos Estados Unidos no pós-guerra um ato dispendioso, que extravia o princípio da economia clássica que visa o lucro e a contrapartida do que foi gasto (p. 158). Em suma, Bataille vê no Plano Marshall um ato dispendioso por não empreender em meios de produção, na medida em que os Estados Unidos emprestam dinheiro à Europa em estado de falência econômica com taxas baixíssimas. Nessa medida, tratou-se, segundo a perspectiva batailleana, de uma doação de bens ou de uma consumação de riquezas sem empreendimento (p. 160-161). Contudo, o autor deixa claro que sabe que o *Plano Marshall* se tratou de uma estratégia política para tentar evitar a adesão e a disseminação do sistema político comunista pela Europa falida, o que justifica a ação de contradizer a lei do lucro da economia capitalista (p. 161).

As teses de Bataille em *A parte maldita* geraram bastante influência no pensamento francês contemporâneo, sobretudo as suas noções de *perda* e *dispêndio* foram de grande peso para o pensamento de Foucault nos anos de 1960, em que permeava nos escritos do autor da *História da loucura* a questão da derrocada do

sujeito na contemporaneidade. Esses temas se refletem no texto de Foucault em homenagem ao primeiro aniversário de morte de Bataille, intitulado *Prefácio à transgressão*, publicado na revista *Critique* em 1963.

A problemática do dispêndio, como sendo o vértice da teoria da *economia geral*, também teve repercussão no pensamento do filósofo alemão Jürgen Habermas, quem dedicou um capítulo do seu livro *O discurso filosófico da modernidade* ao comentário de uma questão central no pensamento de Bataille: o problema do lugar do gasto inútil nos tempos da reificação. Esse capítulo intitula-se “Entre erotismo e economia geral: Bataille”.

O pensador francês Jean Baudrillard também comenta a questão batailleana do dispêndio em seu livro *A transparência do Mal*, na medida em que insere em *A parte maldita* o estatuto filosófico do princípio da perda para afirmar a importância do pensamento de Bataille.

Lançada no primeiro semestre de 2013, a nova edição de *A parte maldita*, publicada pela editora Autêntica, releva uma antiga edição do texto no Brasil, publicado em 1975 pela editora Imago, numa tradução de Júlio Castañon Guimarães, e que estava a longo tempo esgotada. Temos na edição da editora Autêntica a cuidada tradução de Júlio Castañon Guimarães, porém, revista e melhorada, que implicou em algumas variações dignas de menção: o termo *dispêndio*, para começar, substitui o de *despesa*, opção da antiga edição de 1975, e o termo *consumação* o de *consumo*, que Júlio Castañon havia usado na tradução da primeira edição brasileira de *A parte maldita*. Ambas modificações ratificam um sentido mais amplo e filosófico para as asserções batailleanas ao longo do livro.

Esta nova edição não contempla somente o texto na íntegra, mas compreende também uma introdução de Jean Piel acerca dessa obra batailleana, intitulada “Bataille e o mundo”. Jean Piel, pensador e escritor francês, foi amigo de Bataille e publicou originalmente esse texto na edição da *Critique* de 1963, que homenageava Bataille no primeiro aniversário da sua morte, juntamente com o texto de Foucault referido anteriormente.

Por fim, encontramos, após a introdução de Jean Piel, o texto *A noção de dispêndio*, de Bataille, publicado originalmente no

ano de 1933 na revista *Tel Quel*. Trata-se de um ensaio em que o autor, pela primeira vez, se volta para o tema do dispêndio, da utilidade e do excesso. Nesse texto de 1933, Bataille ainda não utilizava as noções de *economia geral* e *economia restrita*, mas já encontramos nele muitos dos conceitos que aparecerão desenvolvidos no escrito de 1949. Ou seja, temos na atual edição de *A parte maldita* publicada no Brasil os dois principais textos de Bataille acerca da problemática do dispêndio e do excesso, cuja leitura é indispensável para quem pretende pesquisar sobre o tema.

